

RESENHA

CABRAL, Ana Lúcia; MINEL, Jean-Luc; MARQUESI, Sueli Cristina (orgs.).
Leitura, Escrita e Tecnologias da Informação. São Paulo: Terracota, 2015.

*Ana Elvira Luciano Gebara**

Universidade Cruzeiro do Sul e Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasi



* Professora doutora da Universidade Cruzeiro do Sul – UNICSUL, São Paulo, SP, Brasil, e da Faculdade de Direito da Fundação Getúlio Vargas – FGV, São Paulo, SP, Brasil; aegebara@uol.com.br

Em meio a tantas “profecias” de caráter apocalíptico (incluo aqui inclusive as positivas), é desejável encontrar um grupo de pesquisa que nos apresenta uma visão produtiva e passível de aplicação das tecnologias que envolvem diariamente professores e pesquisadores. *Leitura, Escrita e Tecnologias da Informação*, em seus sete capítulos, apresenta possíveis abordagens das práticas de leitura e escrita tendo como horizonte de discussão a sala de aula. Para isso, cada um dos autores procura delinear o que sejam as tecnologias de informação em seus objetos de pesquisa.

O pressuposto de todos os capítulos é a presença das TICs, e, a partir delas, os questionamentos sucedem-se. Como na capa do livro, o que se oferece e o que se requer do leitor é um novo olhar, um olhar qualificado à compreensão das linguagens que formam textos e corporificam o meio digital.

A leitura nos propõe uma divisão em três partes. A primeira é composta pelo capítulo 1, de Cabral e Marquesi em que a discussão vai muito além das nossas impressões em relação às TICs – trata-se das relações entre cognição e as tecnologias. A segunda parte se refere às análises realizadas a partir de textos reais e de experiências didáticas, coletadas em cursos em ambiente digital, que engloba os capítulos 2, 3 e 4. A terceira, envolvendo os capítulos 5, 6 e 7, nos apresenta a plataforma *Navilire*, partindo da sua concepção, características e aplicações, passando por uma experiência em português, até chegar a mais de uma possibilidade de utilizar navegação textual para ensinar línguas.

Embora muitos de nós já tenham se adaptado à vida no meio virtual e não mais se sintam como imigrantes digitais, é importante esclarecer que mesmo os nativos digitais não usam as TICs como ferramentas de aprendizado. Grande parte desses usuários (nossos alunos estão entre eles) utilizam essas ferramentas para comunicação e troca de informação circunscrita ao processo interativo. Ou seja, muitos deles não utilizam como nós, professores, gostaríamos que eles o fizessem: para uma leitura e para uma escrita mais crítica e autônoma. Não se pode negar, entretanto, que nunca se leu tanto e que nunca antes se escreveu como hoje conforme nos desafia a contracapa. A questão que se coloca é como mensurar essas mudanças para compreendê-las, para poder participar de sua formação e de seu desenvolvimento. Se não entendemos como se dá o processo de leitura e escrita nesse ambiente, como poderemos trazê-lo para a sala de aula? Basta usar algumas das TICs para nos inserirmos no meio digital? As ferramentas de que dispomos já são suficientes? O ensino na plataforma digital pode ser híbrido?

Esta é a principal contribuição que o grupo de pesquisa *Gramática, texto e argumentação para a prática de leitura e escrita* (Universidade Cruzeiro do Sul) sistematiza neste livro: mostrar que não há fronteiras para essa gama de indagações embora as condições em que as TICs são utilizadas em cada país sejam tão

diversas. Dessa forma, o que se solidifica como resultado dessas pesquisas é que os conceitos de texto, coesão, coerência, contexto, suporte, interação precisam ser redefinidos, cabendo a cada um dos pesquisadores do grupo e aos pesquisadores associados avançar, como têm feito, partindo de características já conhecidas para propostas de novos perfis.

No primeiro capítulo, “Escrita e leitura em diálogo com as tecnologias da informação”, a palavra que se destaca é diálogo. As autoras Cabral e Marquesi, pesquisadoras do GP da Universidade Cruzeiro do Sul (Unicsul), partem das noções de leitura e escrita, como processos cognitivos e acrescentam a elas, as TICs como uma forma de agudizar a questão da multidimensionalidade desses processos. Elas afirmam que ler e escrever envolvem os processamentos entre percepção e memória, e que as tecnologias nos ofertam estocagem de rápido acesso e com capacidade ‘quase ilimitada’. Qual o impacto desse novo espaço para a nossa interação? Cabral e Marquesi indicam que é preciso compreender o hipertexto, as múltiplas linguagens e as múltiplas articulações e que várias dessas características têm promovido leitores a hiperleitores, isto é, sem nos impressionarmos com o prefixo grego, que apreendamos essa expansão de maneira a vivenciá-la, como sempre deveríamos ter feito em relação à leitura e à escrita.

No segundo capítulo, “Contexto de Produção e Recepção do Discurso: o Ambiente virtual de aprendizagem – AVA – na Cibercultura”, Andrade, pesquisador do GP da Unicsul, traz a concepção de gênero discursivo para o ambiente virtual de aprendizagem. Ele apresenta uma experiência com disciplinas EaD (de Ensino a Distância), reforçando o fato de que é a concepção do que seja a cibercultura e o ambiente colaborativo que constroem efetivamente a aprendizagem. Promovendo o diálogo entre autores como Voloshinov e Lévy, Andrade questiona as decisões solitárias que tomamos em sala de aula indicando que o ambiente digital exige antes de tudo uma visão interdisciplinar e de várias posições – essa é a fundação do que se chama colaborativo que nos impulsiona professores e alunos a novos papéis.

No terceiro capítulo, “Hipertexto e Leitura: como o leitor constrói a coerência?”, Elias, pesquisadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, traz inicialmente um panorama do termo hipertexto para então apontar como as relações desse objeto de estudo e discussão estão presentes de várias formas em nosso cotidiano: desde elementos da página do jornal impresso (endereços eletrônicos, ícones e afins) até a efetiva conectividade das páginas de sites, blogs e quetais. A autora afirma que vivemos em época de naturalização das tecnologias – das ferramentas às concepções de distância e tempo que elas trazem. Interações antes inconcebíveis como as dos leitores com as notícias são hoje corriqueiras, mas sua frequência não deve legitimar sua forma de ação, assim Elias sublinha o fato de

que essas relações devem ser ressignificadas à medida que redefinirmos as noções de coerência que passa a ser denominada coerência hipertextual, tal como a noção de contexto e de suporte que imprimem ao texto significados antes neutralizados. Essas indagações deslocam as posições de leitor para autor / coautor do hipertexto pela maneira como lemos e interagimos com esse objeto sempre 'renovado' como a autora apresenta em suas análises.

No quarto capítulo, "A escrita colaborativa em ambiente digital: a metáfora do labirinto", Seara, pesquisadora da Universidade Aberta e da Universidade Nova de Lisboa, ilustra o ensino e a aprendizagem da escrita em ambiente digital, com o exemplo da produção de um texto argumentativo. Os alunos da disciplina Práticas de Escrita são convidados a proporem categorias para tal texto, apresentando a planificação do que pretendem escrever para então colocarem, como se diz, 'a mão na massa'. Esse processo permite a percepção de elementos metalinguísticos em relação à escrita desse texto e esclarece quais posições esses alunos podem / devem ter ao escrever. As bases para o curso e as reflexões de Seara partem das concepções do que seja a produção de textos aliada a coesão, coerência da argumentação e das estratégias argumentativas, aproveitando as oportunidades de interação entre professor e alunos como partícipes do texto e não como leitor e produtores – relação vital para compreender a autoria nas etapas de proposta, produção e circulação de textos em ambiente digital.

No quinto capítulo, "A plataforma *Navilire*: princípios e usos", é caracterizada a navegação textual pela plataforma, por dois de seus idealizadores, Couto, pesquisador da Universidad de la República, Uruguay, e Minel, pesquisador da Université Paris X, França. Os autores situam a plataforma entre as estratégias desenvolvidas para a didática de línguas estrangeiras, tomando como base teórica as propostas comunicativas caracterizadas pela motivação e pelo aspecto lúdico – o envolvimento do aluno com textos reais e com o uso efetivo da gramática para a constituição da unidade e das inter-relações entre os constituintes textuais. Como pesquisadores, o uso da plataforma bem como seus limites são objeto de discussão ao lado dos resultados positivos que a utilização tem permitido a alunos em vários lugares do mundo.

No sexto capítulo, "Princípios de Textualidade e Navegação em Textos: desenvolvimento de proficiência em leitura com o uso de tecnologias da informação", Guaranha, pesquisador do GP da Unicsul, apresenta uma experiência de preparação de texto para a navegação textual pela plataforma *Navilire*. As orientações de navegação apresentadas pelo autor oferecem a nós, leitores, uma visão dos bastidores de como se prepara um texto, quais elementos podem ser destacados. Nesse caso, são utilizadas a referência e as anáforas, bem como os conectivos. O texto

utilizado como base para essa atividade é “As enchentes”, de Lima Barreto. O que serve como alerta para compreendermos que os diálogos instaurados pelas TICs não se limitam a um tipo específico de texto nem a uma época de produção. Novamente, é possível perceber as relações entre o que compreendemos como leitura dentro de uma concepção interacional e as novas tecnologias.

No sétimo e último capítulo, “A Navegação Textual na Didática da Escrita: O Exemplo das Estruturas Enumerativas”, os autores Rinck, pesquisadora da Université Grenoble Alpes, França, e Mohajid, pesquisador da Université Paul Sabatier, Toulouse, França, seguem adiante com as reflexões sobre a navegação textual acrescida do adjunto adnominal ‘didática’ para que possamos compreender o impacto do uso de plataformas para o ensino de línguas, nesse caso, com foco na escrita. Colocando em questão, como nos capítulos anteriores, as noções de processamento textual algumas vezes em confronto com as limitações das plataformas e, em outras, ampliadas com o auxílio delas, eles questionam e nos fazem questionar qual seria a navegação mais indicada para a concepção de texto que os estudos da Linguística Textual postulam. Nesse percurso de questionamento, são analisadas as estruturas enumerativas e, dessa análise, resulta a necessidade de se buscar múltiplos contextos que começam no texto impresso até os hipertextos, chamando a atenção para como percebemos elementos simples como a pontuação, os negritos, imagens, links etc. Por fim, os autores apresentam outra plataforma, *Glozz*, para buscar a visão do texto macro e micro, bem como das relações que ocorrem nesses níveis.

Este livro situa as tecnologias presentes hodiernamente dentro de um quadro maior: das reflexões sobre os processos de leitura e escrita, promovendo o diálogo (e assim voltamos ao primeiro texto e ao título do livro que coordena esses termos) entre os estudos já existentes ao deslocamento necessário que os pesquisadores do grupo têm feito para entrelaçar passado e futuro e compreender a convivência de hipertextos e textos em ambientes digitais, buscando nessas considerações acolher não as TICs que se impõem sem que tenhamos aberto as portas, mas os alunos e professores que necessitam compreender e ocupar novos lugares.

Recebido: 30/03/2015.

Aprovado: 15/06/2015.